

Galeão português do Sec. XVI.
Modelo existente no Museu Naval e Oceanográfico — SDGM.

NAVIOS EM ÁGUAS BRASILEIRAS NO SÉCULO XVI

CARLOS FRANCISCO MOURA
Arquiteto

Naus — galeões — caravelões — galés — chalupas — a indústria naval no Brasil no século XVI. Potencial naval da Bahia, na época. História Trágico-Marítima. Canoas do Rio de Janeiro tomam nau francesa de mais de duzentos tonéis. O galeão velho muito afamado.

Quais os navios usados no Brasil no século XVI? Quais os tipos e as respectivas tonelagens?

Uma pesquisa no *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, do cronista Gabriel Soares de Sousa, pode fornecer-nos um panorama geral. Entre os

navios que aparecem nessa obra figuram:

- Navios da costa de quarenta tonéis, navios de sessenta tonéis, navios de oitenta tonéis, “navios de cem tonéis e mais”, “navios de cem até duzentos tonéis”, navios da costa, navios mercantes, “navios de honesto porte”.
- “*Naus que se fazem no Brasil*”, naus grandes, naus de duzentos tonéis, naus da Índia, naus que vêm do Reino, “*naus de todo porte*”. Menciona ainda naus france-

sas “de cem toneladas para baixo”, e uma nau francesa “que passava de duzentos tonéis”, a qual foi abalroada e tomada “à força de armas” em Cabo Frio, pelas canoas que Salvador Correia levou do Rio de Janeiro.

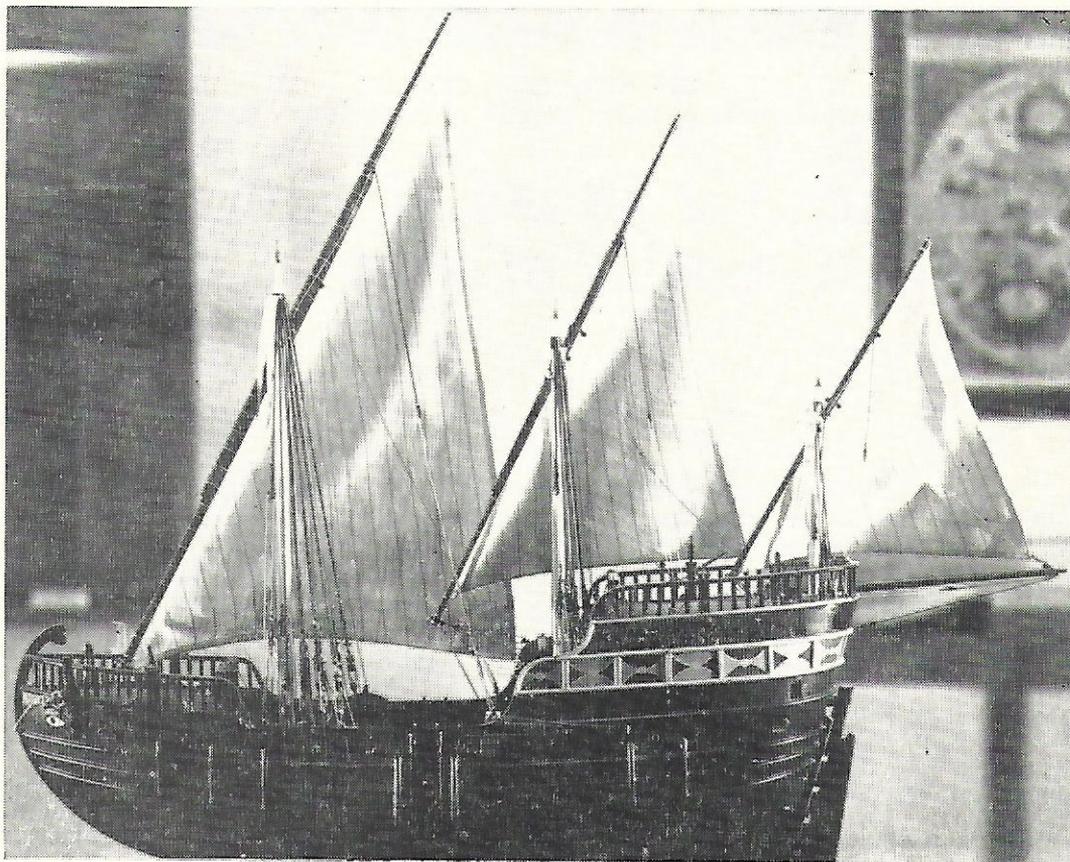
- Menciona ainda galeões, e entre eles “o galeão velho muito afamado”, em que veio, por capitão, Simão da Gama de Andrada, em 1550, com a armada de socorro à Bahia.
- O caravelão é o tipo de navio mais citado: “caravelões da costa”, “caravelões de resgate”, “caravelões do serviço dos engenhos”, “caravelões dos que nave-

gam entre a terra e o arrecife” etc.

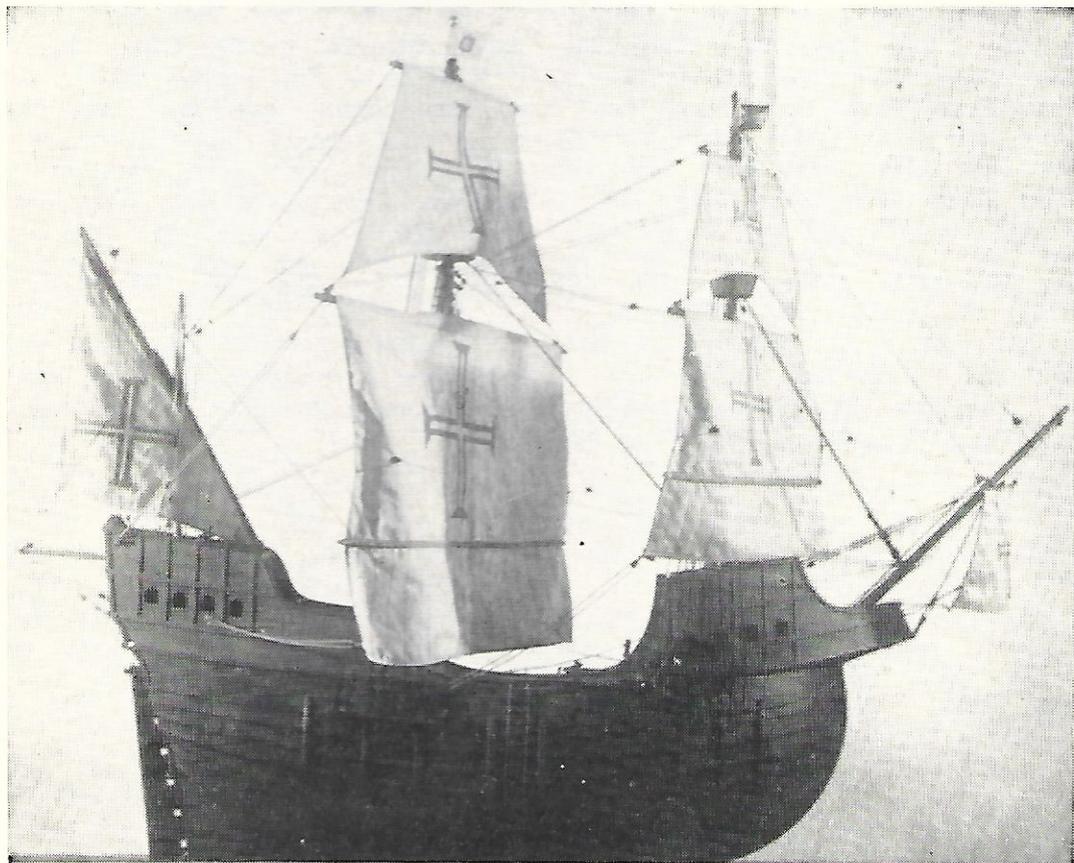
- São ainda mencionados “barcos que há na terra”, barcos da costa, galés, barcas de engenho, barcas de toda a sorte, lanchas e barcos pequenos, batéis, etc. E também chalupas francesas (de contrabandistas).

Nem mesmo falta no *Tratado* uma autêntica página da *História Trágico-Marítima*: o naufrágio, na costa do Brasil, da Nau *Santa Clara*, que se dirigia para a Índia:

“De Jacóipe a Arambepe são duas léguas onde se perdeu a Nau *Santa Clara*, que ia para a Índia, estando sobre amarra, e foi tanto o tempo que



Caravela portuguesa — Sec. XVI
Modelo existente no Museu Naval e Oceanográfico — SDGM



Nau portuguesa do Sec. XVI
Modelo existente no Museu Naval e Oceanográfico — SDGM

sobreveio, que a fez ir à caceia,¹ que foi forçado cortarem-lhe o mastro grande, o que não bastou para se remediar, e os oficiais da nau, desconfiados da salvação,² sendo meia-noite deram à vela do traquete para ancorarem em terra e salvarem as vidas; o que lhe sucedeu pelo contrário; porque sendo esta costa toda limpa, afastada dos arrecifes, foram varar por cima de uma laje, não se sabendo outra de Pernam-

buco até a Bahia, a qual laje está um tiro de falcão ao mar dos arrecifes, onde se esta fez em pedaços e morreram neste naufrágio passante de trezentos homens com Luís de Alter de Andrade, que ia por capitão”.

O potencial naval da Bahia é relacionado pelo cronista com minúcias que permitem acrescentar outros dados: dimensões dos barcos, artilharia empregada etc.:

“Todas as vezes que cumprir ao serviço de S. Majestade, se ajuntarão na Bahia mil e quatrocentas embarcações: de quarenta e cinco para setenta palmos de quilha, cem embarcações mui fortes, em cada uma das quais podem jogar dois falcões por proa e dois berços por banda; e de quarenta e quatro palmos de quilha até trinta e cinco se ajuntarão oitocentas embarcações, nas quais pode jogar pelo menos um

¹) — *Caceia* (caceia) — “À *caceia* — Diz-se que o navio vai à caceia quando descai, arrastando o ferro pelo fundo, em consequência da força do vento, da corrente, da má qualidade do fundo ou da posição defeituosa do ferro. Também é empregada a expressão quando o navio, por se partir a amarra, fica ao sabor da corrente”. Comtes. Humberto Leitão e J. Vicente Lopes — *Dicionário da Linguagem de Marinha Antiga e Actual*.

²) — *Desconfiados* — Receosos, sem confiança.

berço por proa; e se cumprir ajuntarem-se as mais pequenas embarcações ajuntar-se-ão trezentos barcos de trinta e quatro palmos de quilha para baixo, e mais de duzentas canoas, e todas estas embarcações mui bem remadas. E são tantas as embarcações na Bahia, porque se servem todas as fazendas por mar; e não há pessoa que não tenha seu barco, ou canoa pelo menos, e não há engenho que não tenha de quatro embarcações para cima; e ainda com elas não são bem servidos”.

Além disso, Gabriel Soares dedica três capítulos às possibilidades que ha-

via no Brasil para o desenvolvimento da construção naval: Cap. CLXXXIX — *Em que se declara os grandes aparelhos que há na Bahia para se nela fazerem grandes armadas;* Cap. CXC — *Em que se apontam os mais aparelhos que há para se fazerem estas armadas;* e Cap. CXCI — *Em que se apontam os mais aparelhos que faltam para as embarcações.*

Na Bahia havia “*tantas e tão maravilhosas e formosas madeiras, para se fazerem muitas naus, galeões e galés*”.

